GRUPOS CULTURAIS E SOCIABILIDADES JUVENIS: FESTIVAIS E QUADRILHA JUNINA EM JUAZEIRO DO NORTE-CE A PARTIR DE UMA PESQUISA ETNOGRÁFICA

CULTURAL GROUPS AND JUVENILE SOCIABILITIES: FESTIVALS AND JUNINES GANGS IN JUAZEIRO DO NORTE-CE FROM AN ETHNOGRAPHIC RESEARCH

Ricardo Cruz Macedo [1]

Resumo: Objetivamos no artigo compreender a constituição de sociabilidades e redes de relações entre jovens a partir das experiências destes sujeitos em grupos culturais. Tomamos como caso de análise a Agremiação Junina, de Juazeiro do Norte-CE. A pesquisa foi realizada através de etnografia e entrevistas em grupos de discussão. Para além da apresentação e considerações finais, o texto estrutura-se em dois tópicos. No primeiro, debatemos as categorias juventudes e grupos culturais, friccionando dados empíricos a algumas abordagens na sociologia. No segundo, problematizamos as sociabilidades através das redes de relações constituídas pelo pertencimento grupal. Apontamos que os grupos culturais, como denominamos as quadrilhas juninas, são importantes espaços na constituição de redes de sociabilidades juvenis, mediando circulações e experiências entre diferentes jovens na cidade.

Palavras-chave: Grupos Culturais; Juventudes; Sociabilidades.

Abstract: The objective of this article is to understand the constitution of sociabilities and networks of relationships among young people based on their experiences cultural groups. We take as a case of analysis the Agremiação Junina Cariri, of Juazeiro do Norte-CE. The research was conducted through ethnography and interviews in focus groups. Besides the presentation and final considerations, the text is structured in two topics. In the first one, we discuss the categories of youth and cultural groups rubbing empirical data with some sociology approaches. In the second, we problematize sociabilities through the relationships networks constituted by group membership. We point out that cultural groups, as we call the Juninas gangs, are important spaces in the constitution of youthful sociabilities networks, mediating circulations and experiences among different young people in the city.

Keywords: Cultural Groups; Sociabilities; Youth.

[1] Doutorando pelo Programa de Pós Graduação em Sociologia da Universidade Federal da Paraíba, PPGS/UFPB,Brasil.

INTRODUÇÃO

O objetivo deste artigo é compreender a constituição de sociabilidades e redes de relações entre jovens a partir das experiências destes sujeitos em grupos culturais em Juazeiro do Norte-CE. Entendemos por sociabilidades[2] as expressões das relações, laços e vínculos sociais que reafirmam os pertencimentos dos jovens aos seus grupos, e que fundamentam redes de relações entre estes sujeitos nos contextos sociais em que se vivem. Os grupos culturais[3], termo pelo qual denominamos aqui as quadrilhas juninas, são encarados como dispositivos de circulação, pertencimento e articulação entre os jovens nas suas dinâmicas.

No calendário das festas brasileiras, as comemorações juninas têm forte representatividade e simbolismo[4]. Partimos do pressuposto que as quadrilhas e festas juninas atravessaram significativas mudanças em suas estéticas e práticas nas décadas finais do século XX, sobretudo nas cidades, onde ocorreu a institucionalização de festivais/concursos para as apresentações dos grupos de quadrilhas juninas, as quais demandariam uma organização ao longo do ano inteiro para disputarem premiações.

As cidades aparecem como espaços sublimes na gestação de mudanças nas comemorações dos festejos juninos ao fomentar a institucionalização dos festivais de quadrilhas juninas. Entendemos que tais festivais foram responsáveis para que os grupos culturais referidos se apresentassem aos públicos através de processos que incluem discursos e práticas tradicionalizadas como justificativas às suas performances e, ao mesmo tempo, reconfigurações e reapropriações significativas dos seus imaginários culturais. Ou seja, espaços de inventividades nas indumentárias, músicas, coreografias, etc. entre as quadrilhas juninas.

Compreendemos que as quadrilhas juninas sejam grupos nos quais se constituem redes de sociabilidades ao fundamentarem uma ordem cotidiana e proporcionarem o estreitamento de laços sociais entre indivíduos e grupos na cidade para além dos períodos festivos do ciclo junino. São espaços de relações que rompem a temporalidade efêmera e calendarizada, geralmente localizada entre os meses de junho e julho.

O grupo pesquisado foi a Agremiação Junina Cariri, ou AJC, sediada no bairro Limoeiro[5] em Juazeiro do Norte. Nela atuam 16 casais com idades entre 15 e 30 anos, porém, há, em média, 50 membros entre brincantes/dançarinos,

[2] Problematizamos essa categoria acompanhando as discussões, sobretudo, de Dayrell (2004; 2010) e Pais (1990).
[3] Para esta categoria, pensamos com Dayrell (2004) e Melo e Leite (2013).
[4] A respeito desta perspectiva, dialogamos com Barroso (2013), Lima (2008) e Rangel (2008), autoras que discutem os imaginários das festas juninas no Brasil.
[5] A sede é uma casa alugada pelos próprios jovens, geralmente, a partir do mês de abril de cada ano. Serve como ponto de referência para os encontros, local de confecção dos figurinos e reuniões. No caso da AJC, a sede localiza-se no bairro Limoeiro, situado numa região geograficamente central em Juazeiro do Norte e considerado um dos mais populosos da cidade, tendo 12.143 habitantes, conforme dados do IBGE, 2010.

lideranças e equipe de apoio. Optamos por trabalhar com os brincantes considerando haver um conjunto de relações de maiores aproximações durante o ano entre estes jovens. Os sujeitos deste grupo são oriundos de dez bairros distintos da cidade, perfazendo caminhos diversos até os espaços de encontros, como a sede, e os dois pátios dos ensaios coreográficos, um também no mesmo bairro Limoeiro e o outro no bairro Pirajá. Estes pátios são acessados conforme negociações entre os líderes e as instituições responsáveis pelos mesmos. Nestes espaços os jovens mantêm intensa participação nos momentos que fazem parte das atividades da quadrilha junina, tornando a presença uma importante norma de pertencimento grupal.

Os dados[6] apresentados foram elaborados através de pesquisa etnográfica e entrevistas em grupos de discussão realizadas entre fevereiro e agosto de 2015 e que compuseram pesquisa maior. O acompanhamento do grupo por um período de tempo maior que o das apresentações no mês de junho, o "mês de São João", nos mediou ao tempo de preparo dos brincantes, alargado por um longo período do ano, e há uma série de encontros ocasionais, ensaios coreográficos e reuniões, fundamentais para compreensão dos jovens pesquisados.

A aproximação com o universo de pesquisa ocorreu, sobretudo, por sua singular composição juvenil. Ao mesmo tempo, o grupo serviu-nos enquanto um espaço fértil de relações entre jovens que vinham de bairros diversos de Juazeiro do Norte.

Compreendemos as sociabilidades enquanto expressões das relações, laços e vínculos sociais entre os jovens no interior dos grupos que dão sentido aos pertencimentos e as reafirmações entre si e onde as experiências e situações compartilhadas têm valor para aqueles nelas inseridas. Segundo Pais (1990, p. 14), essas sociabilidades se fundamentam num jogo contínuo de trocas simbólicas onde, sem cessar, se afirmam e reafirmam um reconhecimento social que pressupõe, além de uma competência específica, de aquisição e exteriorização dessa competência, um dispêndio constante de tempo e de esforços.

Operacionalizamos o sentido de juventude a partir das tensões geracionais, marcado não apenas pela idade, mas por práticas que socialmente caracterizam os ciclos biológicos da vida, tais como: consumo do tempo em experiências de lazer e sociabilidade, como que as descritas nas quadrilhas juninas. De outro modo, na medida em que a própria juventude é uma categoria explorada diversamente, o tempo dedicado pelos jovens aos grupos juninos serve de base para entender um tipo particular de sujeito na discussão desta categoria. Em contrapartida, as vivências grupais dos jovens se dão em conflitos com outros grupos sociais, como

[6] Este artigo é parte abreviada dos resultados de minha dissertação (Macedo, 2016) intitulada "Galera, a gente vai bombar! Sociabilidades juvenis nas quadrilhas juninas em Juazeiro do Norte-CE", submetida ao PPGCS/UFCG. A pesquisa foi orientada pelo Professor Dr. Jesus Izquierdo Villota, a quem sou grato pelos apurados momentos de reflexão que tivemos durante o processo de construção do estudo. Agradeço também aos jovens da quadrilha junina Agremiação Junina Cariri-AJC que me permitiram acesso ao grupo, participação nas ações e compartilhamento dos diversos momentos em que muito aprendi sobre um São João que se estende pelo ano.

a família, que projeta marcadores sociais como o ingresso nos estudos e/ou nas formas de trabalho remunerado.

Abordamos os jovens nos grupos culturais a partir da observação das práticas nos festejos juninos, aqui singularmente através da AJC. Nas Ciências Sociais, o conceito grupo cultural tem servido como ferramenta para compreensão de coletivos onde os jovens são atores centrais. Portanto, designam espaços nos quais determinadas práticas socioculturais servem como base e fundamento nos modos de atuação e reconhecimento social. Utilizamos a categoria grupo cultural para nos referirmos aos ambientes mediadores e mediados pelas relações produzidas e sustentadas nas experiências culturais que envolvem, entre outras, práticas como dança, teatro, música, esporte, etc. A prática tem importância como instrumento que auxilia a compreensão e integração que compõe e dar sentido as redes de relações.

Para além desta apresentação e das considerações finais, o artigo possui dois tópicos. No primeiro, exploramos as noções de juventudes e grupos culturais, friccionando-as entre as particularidades das circunstâncias em que ocorreu a pesquisa e algumas abordagens sociológicas. No segundo, problematizamos a constituição das redes de relações e sociabilidades entre os jovens mediadas pela participação no grupo cultural.

JUVENTUDES E GRUPOS CULTURAIS ENQUANTO CATEGORIAS DE ANÁLISE PARA AS CIÊNCIAS SOCIAIS

Nas Ciências Sociais, e particularmente na Antropologia e Sociologia, a categoria juventude aparece como criada no contexto da modernidade. Ela instrumentaliza a demarcação de valores referentes a uma dada fase da vida biológica, revestindo e caracterizando determinados sujeitos a partir de atributos sociais e culturais. Adotando essa via, utilizamos a noção de juventude como um elemento constitutivo de diferentes figurações, como concebido por Norbert Elias (2006), apontando sua pluralidade de relações e de significados incluídos em sua formação e que contempla, conforme Ana Sallas (2013, p.06) processos dinâmicos. Para Guita Debert (2000 *apud* Dayrell, 2010, p.02), isso implica que em qualquer sociedade humana existam formas próprias de categorizar os tempos da vida, atribuindo significados culturais a cada uma das etapas biológicas do desenvolvimento humano.

Tomar a juventude enquanto construção social foi sendo um mecanismo que nos auxiliou pensar os jovens através das tensões sociais vividas por eles mesmos nos seus diferentes processos de socialização. A observação de tais experiências, como as vividas de modo grupal nas quadrilhas juninas, demonstrou-se enquanto importante via interpretativa das construções de sentidos sociais atribuídos aos determinados papéis dos jovens e as suas maneiras de ocupação e usos do tempo e espaços. Desta maneira, as

categorias analíticas, grupo juvenil[7] e grupo cultural tornaram-se instrumentos base para compreensão dos sujeitos de pesquisa, demarcando modelos explicativos de espaços, relações e significados compartilhados pelos jovens. De antemão, é salutar esclarecermos sobre como sugerimos estes dois conceitos.

Na compreensão do espaço de relações juvenis foi sendo perceptível a construção de redes de relações de afetividades, onde tem importância às presenças e gramáticas para aqueles que os compõem. Encaramos estes espaços como os grupos juvenis, aqueles que denotam o ambiente dos mais íntimos, dos amigos, da "minha galera". É aí onde se sabe com quem pode compartilhar objetivos, anseios, medos e problemas da vida social. Os conflitos presentes nestas figurações reforçam e reestabelecem laços de pertencimentos, pois ativam a reconstrução de vínculos já existentes. Os grupos juvenis são espaços onde se podem, ou não, produzir as experiências do vir a ser para a sua visibilidade e caracterização social, tendo como base aglutinadora entre os sujeitos as redes de relações.

Concomitante a esta percepção, na problematização que íamos tecendo sobre os jovens na quadrilha junina, também tinha conotação as relações (re) elaboradas a partir de uma dada prática sociocultural enquanto sua base e fundamento. Passamos a utilizar a categoria grupo cultural para nos referirmos aos ambientes mediadores e mediados pelas relações produzidas e sustentadas nas experiências que tem a prática cultural enquanto importante instrumento que auxilia a explicação para a integração que compõe e dar sentido as redes de relações.

Ainda conforme o campo do debate nas Ciências Sociais, a noção de grupo cultural tem servido para explicar práticas nas quais os jovens são atores centrais. Autores como Marcos Leite e Mônica Melo (2013, p.03) demonstram como e por quem o termo tem sido debatido:

> "Quanto à referida denominação grupos culturais, é considerado um termo contemporâneo e usado por alguns autores, dentre eles: Dayrell, (2002) e Paulo Carrano (1999). O autor Juarez Dayrell nomeia esses grupos pertencentes a diversas linguagens artísticas e musicais de "grupos culturais". Outro termo existente e empregado por Novaes & Vital (2005) é "grupo de arte e cultura" que designa variados grupos juvenis que se organizam com base em objetivos artísticos e culturais, ou seja, associados à dança, teatro e estilos musicais."

Ainda de acordo com os autores citados, estes grupos têm servido para a compreensão de determinadas práticas juvenis nas mais variadas dinâmicas dos espaços onde os jovens estão inseridos.

> "Os grupos de arte e cultura, ou grupos culturais juvenis, fazem parte das referidas esferas participativas

[7] Lembramos que Machado Pais (2003, p.141) nomeia grupos de amigos aqueles formados por jovens que asseguram certa identificação entre os vários elementos que os constituem (têm gostos musicais, literários, etc., semelhantes), funcionando como contextos coerentes de estruturação dos tempos quotidianos daqueles que os integram e das atividades que praticam de forma compartilhada.

> das juventudes contemporâneas. Nas cidades com suas múltiplas possibilidades, os jovens pertencentes aos referidos grupos transitam, estabelecem laços e redes de trocas, bem como elaboram e significam suas experiências. " (*Idem*. p.02).

Para além dos efeitos delimitativos propostos para definição destas categorias, é necessária na compreensão juvenil analisar as conexões significativas entre ambas. Pensamos, assim, que a categoria grupo cultural nomeia e representa uma forma de identidade de um dado grupo juvenil que produz suas relações sobre redes de experiências e que torna da prática cultural evidenciada, aqui, por exemplo, nas quadrilhas juninas, um mecanismo de representatividade e visibilidade social, de trocas de experiências com seus pares. Quanto aos grupos juvenis, eles fazem da experiência de apropriação e ressignificação, como as vividas nos festejos juninos, um possível mecanismo de experiência social que pode ou não vir a identificá-lo, mas que ainda assim possibilita aos que dele participam acesso a determinadas redes de relações não definidas temporalmente.

Na linha de aproximação entre estas categorias que propomos, Juarez Dayrell (2004) defende que os grupos culturais fundamentam a compreensão de relações juvenis que ultrapassam os limites da prática cultural, estabelecendo relações importantes para os envolvidos a partir de graus variados. Nestes termos, está em jogo à construção da noção de "ser jovem" baseada no estar em/no grupo, no fato de viver as possibilidades dos momentos coletivamente partilhados, ecoando-se em aspectos como o lazer e as sociabilidades, bem como na ideia de "transição" para a vida adulta.

É nas relações com/nos grupos que os jovens também sabem que tem que acompanhar o "ritmo da vida social" a partir de determinadas demandas e exigências sociais como, por exemplo, inserção nas formas de trabalho remunerado, qualificação profissional, estabelecimento familiar, entre outras. Conforme Mônica Melo e Marcos Leite (2013), a compreensão juvenil a partir das formas de atuação nos grupos culturais pode servir como ferramenta que nos revela as realidades sociais e urbanas em que os sujeitos jovens vivem, logo:

> "Pensar na dinâmica do jovem associando e atuando em grupos, ou em outras esferas participativas, é perceber que, apesar da realidade precária dada, eles constroem diferentes alternativas de viver no espaço urbano. Isso ocorre porque os grupos culturais, bem como os jovens são dinâmicos, circulam pela cidade, fazem amigos, vão em bares, eventos ou bailes, interagem com jovens de outros grupos e regiões e se encontram em outros espaços diferentes de onde moram, ou seja, perambulam pela cidade. "(*Idem*, p.08).

A partir dos festejos juninos, a construção das experiências juvenis ocorre conforme diferentes alternativas, dinamicidades, circularidades e integrações na cidade. Essas experiências dão sentido e significado social aos jovens e falar dos seus cotidianos implica considerar a presença do

grupo juvenil e/ou cultural. Ganha conotação um ser jovem quadrilheiro a partir do tempo dedicado a essas atividades, da intensidade com que são vividas nas semanas e meses do ano, da construção e reafirmação de relações por elas mediadas. Sobre essa perspectiva, observemos o seguinte depoimento fornecido pelo entrevistado Paulo:

> "Há! Minha festa junina antigamente eu via mais pela questão das fogueiras, o movimento, onde meus pais dava um dinheirinho pra comprar aquelas chuvinhas, e tudo mais. Mas, depois que eu entrei no mundo junino das quadrilhas eu vi que era uma coisa totalmente diferente, onde eu aprendi a gostar muito mais. Hoje, faz parte da minha vida. Eu não me vejo sem estar no mundo junino. De jeito nenhum! É aqui onde eu estou, aprendendo coisas novas, conheço gente nova, onde cada um tem seu jeito de ser e a gente vai levando. Hoje em dia, faz parte da minha vida". (Entrevista realizada em 08-04-2015).

O conjunto das experiências sociais vividas através de grupos como as quadrilhas juninas elabora noções de juventude como imbuídas ainda pela ideia de uma "autonomia", uma desvinculação em relação ao ambiente familiar. Nesse sentido, verifica-se um "ser jovem" a partir de determinadas permissividades na produção de suas escolhas e espaços de relações com seus pares.

> "A juventude, ao aparecer referida a uma fase de vida, é ela uma categoria socialmente construída, formulada no contexto de particulares circunstâncias econômicas, sociais ou políticas, e sujeita, pois, a modificar-se ao longo do tempo. A segmentarização do curso da vida em sucessivas fases - na qual a juventude aparece associada a uma delas - é, por conseguinte, produto de um complexo processo de construção social. "(Pais, 1990, p.146).

O modelo de compreensão do universo juvenil que a toma como plural nos possibilita pensar, conforme Guilherme Magnani (2005, p.05), que sua base epistemológica não pode, porém, ser reduzida a uma mera indicadora da diversidade de manifestações, algo como um denominador comum para a definição dos jovens. Assim, privilegiar a abordagem analítica através da etnografia nos possibilitou verificar espaços por onde circulam, pontos de encontro e ocasiões de conflito, estratégias de produção e reafirmação da identidade do grupo e os sujeitos/grupos com quem estabelecem relações de associação/dissociação.

Na medida em que aparecem sujeitos com idades díspares em figurações como as quadrilhas juninas, como no caso de estudo, onde se perfila desde os 15 até os 30 anos, a juventude é entendida não só como uma dada fase da vida, mas também, como indivíduos pertencentes a grupos de idades definidos como jovens (Martínez, 1987, p.661 *apud* Romero, 2008, p.02). Para além deste aspecto, também consideramos, principalmente, as inter-relações, caracterizações e significações entre os próprios jovens sobre seus pares, adquiridas através da abordagem etnográfica.

A partir da imersão empírica, baseamos o uso da categoria juventude através das seguintes características,

suscitadas pelos próprios jovens: 01- Sujeitos marcadamente sem renda própria, dependentes dos pais, e precisando trabalhar; 02-Em falta de autonomia com relação aos seus próprios atos, sobretudo em detrimento dos pais, ressaltando-se a necessidade dos estudos. 03- Tendo certas permissividades em relação ao uso do seu tempo, negociando com os pais suas saídas de casa. 04- Em criação de espaços marcados pela descontração, observando-se o uso de gírias e dialetos que instituem uma linguagem própria ao contexto das sociabilidades. 05- Em construção de uma imagem para si baseada em valores e práticas sociais como "ser responsável" e "comprometido".

Estes traços atravessam a ideia de juventude e se constituem em vias de compreensão dos modelos de sujeitos juvenis. Com eles, é possível pensar as expectativas familiares relacionadas à escolaridade e aquisição de renda, quando convocados a procurarem emprego ao invés de dançar quadrilha, ou mesmo, dividir seus tempos com atividades remuneradas, o que pode, ou não, provocar reações de conflito e tensões com a família e outras instituições.

As ações performáticas como a dança, por exemplo, entre os jovens nos ambientes utilizados por eles, a saber, os espaços dos ensaios, sobretudo, refletem em narrativas corporais das experiências que ocorrem no/com o grupo. Durante os momentos de ensaios, prescreve-se um recorte temporal em que os jovens quadrilheiros se utilizam dos espaços descontraidamente, fazendo desses e do tempo como guiados por suas atitudes, significando-os a partir de ações, dinâmicas coletivas e subjetividades expostas.

> "Ao chegar a Escola Felipe Neri, Fabrício logo ligou a caixa de som amplificada que sempre traz com os demais, montou o DVD e pôs o CD. Esta sensação de som à música junina marca o espaço dos ensaios, é como se ouvissem música deste gênero para relaxar. Isso porque, durante os ensaios técnicos, ao contrário, o som é algumas vezes desligado e se ouvem apenas os gritos de Fabrício, o coreógrafo. Assim, é perceptível a combinação entre a música e os passos e vice-versa em um exercício intenso, marcando o momento como que de uma celebração. " (Trecho extraído de Diário de campo, 26-02-2015).

Outra ideia representativa do universo de significação dos jovens pesquisados é a construção das condições econômicas e estruturais da quadrilha junina a partir de suas próprias ações. Está em jogo um fazer por si próprio. Assim, os jovens também imprimem as suas invenções e significações na busca pela representatividade e reafirmação social. Isso serve enquanto traços grupais e, tão logo, do seu eu nas relações com as demais quadrilhas juninas. É um espaço onde podem expressar, ou tentar expressar, no sentido de Paul Willis (1990 *apud* Campos, 2010, p. 124), algo sobre sua "significância cultural".

No caso da AJC, o grupo é uma organização de jovens para jovens que compartilham entre si valores morais tais como: convivência recíproca, compromissos às amizades, e encorajamento e disciplinamento nas atividades.

Estes e outros aspectos reforçam entre os jovens envolvidos que as experiências vividas na quadrilha junina sejam de uma elevada importância em seus cotidianos.

> "Pergunto a Fabrício, o coreografo, sobre sua formação escolar, visto ter sabido no dia anterior que o mesmo já havia perdido um ano letivo. Fabrício me disse que tinha desistido no terceiro ano do ensino médio, logo próximo do término. André, ouvindo nossa conversa, pega carona e rindo, disse: "Fomos nós dois". Embora de forma descontraída, os dois jovens diziam ter perdido o ano letivo em vista de um número grande de faltas por causa de ensaios e apresentações em quadrilhas juninas. Isso reforça o sentido de que as práticas juninas perpassam suas experiências cotidianas, mesmo que para isso outras tenham que ser desviadas, como no caso das escolares." (Trecho extraído de Diário de campo, 12-02-2015).

As formas de uso e apropriação dos espaços ocupados também se constituíram ferramentas importantes para a análise dos sujeitos de pesquisa.

> "Na casa que funciona como sede, é perceptível a aparente "bagunça" com que aquele amontoado de materiais é utilizado. Para os jovens que trabalham na composição dos materiais necessários, pequenos pedaços de retalhos, linhas, enfeites e decoração utilizados para os figurinos são jogados pelo chão. Isso não representa uma desordem, pois é uma consequência do andamento das atividades. A sede, mais que qualquer outro espaço, é um ambiente regido pela própria lógica dos jovens, onde a ideia de uso reflete isso. "(Trecho extraído de Diário de campo, 19-06-2015).

Para os jovens pesquisados, observamos ser patente que as apropriações e usos de espaços como a sede e os pátios de ensaios incidem na construção de suas ações, margeando os processos de (re)afirmação de suas relações estabelecidas com os meios sociais onde vivem. A sede, por exemplo, se constituí num exemplo paradigmático na elaboração de sociabilidades e na significância dada pelo uso do espaço. Estes elementos foram-nos fundamentais para a compreensão dos modos como os jovens se organizam em torno de práticas que são carregadas de valor e simbolismos, nos revelando determinados tipos de sujeitos juvenis e de grupos culturais.

TECENDO REDES DE RELAÇÕES: QUADRILHAS JUNINAS, SOCIABILIDADES E EXPERIÊNCIAS JUVENIS

Nos diversos encontros ao longo do ano, os jovens instituem linguagens próprias nos espaços das quadrilhas juninas as quais pertencem. A presença, a participação e o cumprimento de uns aos outros se evidenciam como mecanismos de reafirmação do jovem como parte do grupo, como quadrilheiro junino. Diversos assuntos, conversas, significados, subjetividades, corporificam uma sociabilidade do tipo amigável, gerando satisfação pelas presenças em estar

entre pares e compartilhar as experiências que delas podem ocorrer, onde o lúdico se torna um traço seminal.

No grupo cultural estas práticas cotidianas possibilitam a construção de visibilidades, e a participação e atuação na cidade através das apresentações das quadrilhas juninas nos festivais juninos. Ao mesmo tempo, tecem-se redes de sociabilidades que resultam-se enquanto expressões das relações, laços e vínculos sociais estabelecidos entre os jovens no interior dos grupos. Estes processos dão sentido aos pertencimentos e as reafirmações indivíduo/grupo, pondo em contato os jovens através de seus interesses e mediando à construção de sentidos para os envolvidos.

Conforme Ana Sallas (2013) e Liana Araújo (2015) a noção de sociabilidade juvenil está fortemente apoiada nos laços grupais, onde os sujeitos estabelecem suas relações, reafirmam suas redes de pertencimentos e significam suas experiências.

> "A sociabilidade é a forma pela qual os indivíduos vivem em sociedade. Ela se torna o espelho das relações sociais que ocorrem em instituições como, por exemplo, família, escola, trabalho, e aqui, a quadrilha junina. " (Araújo, 2015, p.87).

A sociabilidade representa os modelos de agenciamento das relações, suas formas, linguagens e significados produzidos e reafirmados a partir da ordem social. Tem importância, neste caso, as situações em que se estabelecem as trocas, os pertencimentos, as interações, pondo em contato os sujeitos a partir de seus desejos, objetivos, afinidades e aproximações.

Neste sentido, acrescenta Juarez Dayrell (2004, p.10):

> "Na sociabilidade encontramos uma relação na qual o fim é a própria relação [...] e é por meio dela que se constitui uma unidade. No campo da sociabilidade, os indivíduos se satisfazem em estabelecer laços, os quais têm em si mesmos a sua razão de ser. É o que vemos acontecer nas relações que os jovens pesquisados estabelecem com o grupo de pares, sejam eles os "chegados" do hip hop, a galera do funk ou os parceiros da capoeira [*e aqui, das quadrilhas juninas*]. [...] O falar torna-se o próprio fim, o assunto é simplesmente o meio para a viva troca de palavras revelar seu encanto. É a arte de conversar, com suas leis artísticas, fazendo dos salões um espaço de exercício da razão comunicativa. É um jogo, e um "jogo com". Apesar de ser outro contexto, a conversação assume, para os jovens, papel muito importante, tornando-se uma das motivações principais dos seus encontros. O "trocar ideias" é de fato um exercício da razão comunicativa, ainda mais significativo quando encontram poucos espaços de diálogo além do grupo de pares. "(Grifo meu).

Se a sociabilidade demanda uma dinâmica grupal, esta pode ser mecanismo a elaboração de um tipo afetivo, amigável e mobilizador. Ou seja, têm um peso nas determinadas redes de relações entre os jovens, as quais significam não apenas momentos de diversão, de estabelecimento e reafirmação de vínculos, mas, como

expressões de mobilização e demarcação de práticas culturais e espaços nos quais se inserem em seus contextos sociais.

As sociabilidades se evidenciam, nestes termos, como categoria essencial à compreensão das experiências dos jovens no grupo ao apontar para as dinâmicas estabelecidas, os modelos de discursos e as formas de viver e evidenciar as práticas sociais na apropriação dos espaços na cidade. Mesmo sendo as quadrilhas juninas marcadas pela sua associação ao rito festivo, traduzidas como expressão cultural nos marcos da tradição, elas se constituem também como um presente estratégico e, por isso, inventivo e híbrido na intenção de ser mostrada, reparada, legitimada. Neste campo de atuação e de experiências, os jovens demarcam usos e ressignificações das práticas culturais onde a quadrilha junina se constitui enquanto um dos seus espaços ímpares de socialização.

No bojo significativo das práticas e experiências juvenis que auxiliam compreender determinadas sociabilidades, há de se ressaltar que tais práticas e experiências tenham relevância para os sujeitos de pesquisa, permeando, perfazendo e refazendo as suas vidas sociais. De outra maneira, as sociabilidades fazem sentido na perspectiva aqui adotada à análise porque são vistas como um conjunto de experiências duradouras e simbolicamente marcantes para os jovens. Tornam-se momentos compartilhados cotidianamente, compondo uma espécie de modo de vida do jovem quadrilheiro, como podemos observar no trecho da fala da entrevistada abaixo:

> "A gente se sente feliz. Pelo menos eu não sei nem explicar. Quando eu estou aqui, Ave Maria! Eu me esqueço de tudo. Eu fico agoniada querendo que chegue logo os dias dos ensaios". (Paloma. Entrevista realizada em 11-03-2015).

Nos espaços de relações, os conteúdos relacionados ao universo junino ganham conotação recorrente, tornando-se mote de conversa entre os jovens. Emergem-se nos discursos, nas trocas de saberes, nas simbolizações dos pertencimentos. São mecanismos emblemáticos nas relações e interações que ocorrem entre os jovens nos momentos em que estão reunidos na quadrilha junina.

A cotidianização destas práticas na vida social dos jovens faz desenvolver relações na dinâmica interna e externa do grupo, mediando os contatos, as trocas e tensões entre uns e outros onde circulam. Informam a demarcação e reafirmação de espaços de usos a partir das afinidades.

É possível afirmar que as experiências e sociabilidades juvenis em grupos culturais, como são as quadrilhas juninas, evidenciam uma série de vínculos, simbolismos e conotações nas práticas dos jovens que são fundamentais à constituição e reafirmação do pertencimento grupal. Confirmamos essas perspectivas nos vários momentos e espaços de atividades da AJC, que vivencia o fazer festa junina por uma extensão temporal longa durante os meses do ano, pondo os membros do grupo em contato entre si, com a espacialidade onde se inserem - a cidade de Juazeiro do Norte, e com outros grupos culturais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os festivais colaboram na elaboração e manutenção de redes de relações entre os sujeitos e espaços, intercambiando valores e saberes aos envolvidos. Assim, as sociabilidades juvenis se traduzem em diferentes maneiras de consumo do tempo e nas apropriações dos espaços onde se inserem pela cidade.

Grupos culturais como as quadrilhas juninas assumem-se enquanto espaços sociais que fornece aos sujeitos que deles participam, referenciais de pensamento, ação e sentimento que podem ser úteis no processo de construção de sua identidade, no sentido em que o grupo assegura a possibilidade de que cada um de seus membros projete sua identidade (Dayrell, 2010, p.05). Se os encontros para as atividades de produção da quadrilha junina durante o ano possibilitam as saídas dos jovens com seus grupos no bairro e na cidade, os festivais tornam esse espaço de alcance maior, estendendo-se para outras cidades da região do Cariri, do Ceará e até para outros estados brasileiros. Dessa forma, a cidade tomada como pano de fundo para as práticas culturais é apresentada como um cenário amplo de trocas e de comunicação, evidenciada nas formas de uso não limitadas a uma inscrição local, nem soltas ao sabor da movimentação sem rumo (Magnani, 2005, p.26). Estes grupos ressoam, assim, como ferramentas que mediam às vivências para além de espaços como a família, servindo como ponto de referência para a circulação na cidade, e fora dela, através dos festivais.

Nos espaços de realização das competições expõe-se um intenso jogo de relações a partir das disputas que ocorrem entre as quadrilhas juninas. Também se estabelecem determinados graus de aproximação ou aversão, indicados nos xingamentos e zombarias entre determinados jovens e grupos, reverberando tensões e conflitos em torno das disputas que os perpassam. Observando as apresentações nos festivais, podemos mesmo dizer que não está em jogo o divertimento meramente gratuito, mas, as performances racionalizadas que buscam construir imagens positivadas para o grupo e torná-lo bem avaliado pelos jurados técnicos e pelos públicos. Logo, como nos sugere Elizabeth Lima (2008, p. 121) o que importa desta festa não é tão somente o divertimento gratuito, puro e simples do quadrilheiro. Seu desejo atual é mostra-se com toda a perfeição que for possível, é destacar o seu vestuário e a sua coreografia.

A partir dos aspectos apresentados, fica-nos evidente uma série de vínculos, redes de relações e simbolismos nas práticas juvenis que perfazem determinados grupos nos quais os jovens tem forte presença. Isso ocorre porque, em casos como as quadrilhas juninas, é possível uma vivência por uma extensão temporal durante vários meses do ano, pondo os indivíduos em contato entre si, com a espacialidade onde se inserem e com outros grupos. As redes de relações mediadas por espaços como os grupos culturais possibilitam, ainda, relações outras para além de ambientes institucionalizados, como família e escola, por exemplo. Assim, as quadrilhas juninas se expõem com ambientes significativos na composição de experiências e sociabilidades que mediam

diferentes jovens entre si desde o bairro onde residem com o grupo familiar até à cidade, onde circulam, se apropriam e se apresentam através de suas práticas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ARAÚJO, Liana Matos. *Juventudes e quadrilha junina: Estilos de vida e sociabilidades no cenário do consumo cultural em Sergipe.* São Cristóvão, Dissertação de Mestrado em Antropologia, Universidade Federal de Sergipe, 2015, p. 87.

BARROSO, Hayeska Costa. *Prepare seu coração pras coisas que eu vou contar*: Um ensaio sobre a dinâmica das quadrilhas juninas no Ceará. Fortaleza, Dissertação de Mestrado Acadêmico em Políticas Públicas e Sociedade, Universidade Estadual do Ceará, 2013.

CAMPOS, Ricardo. Juventude e visualidade no mundo contemporâneo: *Uma reflexão em torno da imagem nas culturas juvenis.* Revista Sociologia, Problemas e Práticas. ICSTE - Instituto Universitário de Lisboa – IUL. N.º 63, 2010, p. 124. Disponível em: https://repositorio.iscte-iul.pt/bitstream/10071/2439/1/n63a07.pdf. Acesso em: 15/04/2014.

DAYRELL, Juarez. REIS, Juliana Batista dos. Por uma Sociologia da Juventude. *Centro de Referência Virtual do Professor - SEE-MG*. Módulo didático. Belo Horizonte, setembro de 2010, p. 05. Disponível em:www.fae.ufmg.br:8080/objuventude/acervo/texto%SCABA2004.html Acesso em: 05/03/2014.

DAYRELL, Juarez. Juventude, Grupos Culturais e Sociabilidade. In: *XXIV Reunião Brasileira de Antropologia*, Anais ABA - Associação Brasileira de Antropologia, Recife, junho de 2004. p. 10.

ELIAS, Norbert. *Escritos e ensaios: Estado, processo, opinião pública*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.

LIMA, Elizabeth Christina de Andrade. *A fábrica dos sonhos: A invenção da festa junina no espaço urbano*. 2ª Ed. Campina Grande: EDUFCG, 2008.

MACEDO, Ricardo Cruz. *"Galera, a gente vai bombar! Sociabilidades juvenis nas quadrilhas juninas em Juazeiro do Norte-CE*. Campina Grande, Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais, Universidade Federal de Campina Grande, 2016.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. *Os circuitos dos jovens urbanos.* Tempo Social: Revista de sociologia da USP. São Paulo, V. 17, nº 2, novembro de 2005, p.05-26. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/ts/v17n2/a08v17n2 Acesso em: 10/04/2014.

MELO, Mônica Aparecida Soares Silva de. LEITE, Marcos Esdras. *Grupos culturais juvenis e participação na cidade: mobilidade, possibilidades e desafios.* II CONINTER – Congresso Internacional Interdisciplinar em Sociais e Humanidades. Belo Horizonte, outubro de 2013, p.03. Disponível em: http://www2.coninter.com.br Acesso em: 03/06/2014.

PAIS, José Machado. *Culturas juvenis*. 2ª Ed. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 2003.

___ . *A construção sociológica da juventude: Alguns contributos.* In:___. (Org.) Análise Social. 3ª Ed. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais, 1990, p. 139-165.

RANGEL, Lúcia Helena Vitali. *Festas juninas, festas de São João*: *Origens, tradições e história.* São Paulo: Publishing Solutions, 2008.

ROMERO, G. Maia. *Interpretando o que se diz sobre jovens: Um ensaio crítico.* Verinotio- Revista On-line de Educação e Ciências Humanas. Rio das Ostras, Nº 8, maio de 2008, p. 02. Disponível em: http://www.verinotio.org/conteudo/0.62499424500856.pdf. Acesso em: 25/11/2012.

SALLAS, Ana Luisa Fayet. *Culturas Juvenis: Um estudo comparativo entre Brasil e México.* XVI Congresso Brasileiro de Sociologia. Salvador, 2013, p. 06. Disponível em: http://actacientifica.servicioit.cl/biblioteca/gt/GT22/GT22_FaytSallas.pdf . Acesso em: 08-08-2015.